

JOSÉ RUBENS MACEDO JR.*

Racionamento de energia elétrica: uma ameaça constante?

O Brasil concentra a maior reserva de água doce do mundo e sua matriz energética está entre as mais limpas do planeta. Quase 70% de toda a energia elétrica consumida no País é produzida em usinas hidrelétricas, cujo combustível necessário se resume simplesmente à água das chuvas. Com tantos superlativos, fica difícil entender por que estamos sempre falando em risco de racionamento de energia elétrica.

Para o caso específico de 2014, três causas principais podem ser imediatamente identificadas: a redução das tarifas de energia elétrica em 2013, em aproximadamente 20%, incentivando o consumo; temperaturas elevadas em todo o País no primeiro trimestre do ano e regime de chuvas desfavorável na região Sudeste/Centro-Oeste, onde se concentram as principais bacias hidrográficas que alimentam os reservatórios das grandes usinas. A questão, no entanto, é que essa conjuntura de acontecimentos inevitavelmente voltará a acontecer, e sem aviso prévio.

Afinal, não há como controlar os caprichos da natureza. Então, o que pode ser feito?

Inicialmente, alguns paradigmas precisam ser quebrados. Por exemplo, as questões ambientais, muitas vezes mal conduzidas e rodeadas por interesses políticos, estão fazendo com que novos empreendimentos hidrelétricos na região Norte, a exemplo das usinas de Belo Monte, Santo Antônio e Jirau, sejam concebidos na forma de usinas hidrelétricas a fio d'água, sem a utilização de grandes reservatórios. Ora, sem reservatório não há armazenamento de energia para os períodos secos, fazendo com que a energia adicional necessária seja produzida através das usinas termelétricas, onerando as tarifas, aumentando a poluição do ar e contribuindo para o aquecimento do planeta em decorrência da queima de combustíveis fósseis.

Se os novos empreendimentos hidrelétricos da região Norte estivessem todos prontos e em plena operação, e tivessem sido concebidos com grandes reservatórios de água, certamente não estaríamos mais uma vez discutindo a iminência de um racionamento energético, uma vez que as bacias hidrográficas daquela região, em oposição à região Sudeste/Centro-Oeste, encontram-se muito favoráveis em termos de volume de água. Enfim, precisamos definir qual é o equilíbrio adequado entre as questões ambientais e energéticas.

É frustrante vermos tantas críticas ambientais acerca das usinas hidrelétricas com grandes reservatórios de água, e nenhuma nota de rodapé criticando a operação



de uma usina termelétrica a carvão mineral, queimando um dos combustíveis mais poluentes do mundo na região Nordeste do País.

Por fim, resta a seguinte pergunta: e as outras fontes renováveis? Elas não seriam uma solução para o problema? Na verdade, é uma ilusão achar que um país com dimensões continentais como o Brasil poderia se sustentar às custas de sol e vento. Sem dúvida, as fontes renováveis conferem um reforço importante sobre o ponto de vista

dos sistemas elétricos locais, porém, em função de sua intermitência, podem não ser capazes de gerar energia nos momentos em que mais precisamos dela. Assim, pelo menos por enquanto, nos resta torcer para que São Pedro seja brasileiro e esteja de bom humor.

*

JOSÉ RUBENS MACEDO JR. É PROFESSOR NA FACULDADE DE ENGENHARIA ELÉTRICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA